



# VI Colóquio do NEPE

## III Colóquio NEPE/Langage

### Psicanálise, Saúde Pública e Políticas de Saúde

O tema de 2011 - PSICANÁLISE, SAÚDE PÚBLICA E POLÍTICAS DE SAÚDE - contempla as possibilidades de diálogo entre o saber psicanalítico e as políticas públicas de saúde em nosso país.

#### GOZO: LIMITES DA DEFINIÇÃO

Ana Lúcia Gea Rosico

#### Resumo:

Prazer e gozo, ao contrário do significado dicionarizado, não são sinônimos para a psicanálise. Freud elaborou duas teorias sobre o aparelho psíquico, que ficaram conhecidas como a primeira e a segunda tópicas. Na primeira tópica, que vigorou até 1920, o aparelho psíquico é concebido por três “lugares” inconsciente, pré-consciente e consciente. Essas instâncias são regidas pelos princípios de prazer e de realidade. Aqui o funcionamento do princípio de prazer é descrito pelo que se convencionou chamar de ponto de vista econômico: quantidade de energia. O aumento de energia gera tensões orgânicas, provocando desprazer. A descarga, em função desse acúmulo de energia, causa alívio corporal, isto é, prazer. Nessas primeiras formulações sobre o funcionamento do princípio de prazer, Freud estabelece uma correlação entre o funcionamento das células do tecido nervoso (neurônios) e o aparelho psíquico. Esse paralelo o leva à conclusão de que o princípio de prazer é regido pelo princípio de constância. Tendência do aparelho mental para escoar uma porção de excitação, a fim de reter a menor quantidade possível. Aqui entre em cena o princípio da realidade, cuja função é orientar os caminhos que levam à realização do prazer, em função das condições impostas pelo exterior. Para Lacan, o princípio de realidade deve ser compreendido como a fantasia que sustenta o desejo. O desejo é estruturante do ser humano. Mas o que é o desejo? Podemos tomar o desejo como sinônimo da falta. O desejo é algo que coloca para o sujeito sempre como uma condição absoluta e infinita, sempre insatisfeito e inatingível. “É na medida em que a demanda está para além e para aquém de si mesma, que ao se articular com o significante, ela demanda sempre outra coisa” (Lacan, 1959-1960/1988, P. 353). O desejo se encontra em uma cadeia metonímica que se relaciona sempre com algo para além da demanda. No texto *Mais além do princípio do prazer* (1920), Freud afirma, literalmente, que o comportamento dos homens e das mulheres, observado tanto em sua clínica como nas histórias da vida, exige dele a coragem para supor que existe uma compulsão à repetição, que escapa ao princípio de prazer. Essa tendência à repetição se confirma principalmente nos sonhos das neuroses traumáticas e nas brincadeiras infantis. O amor à verdade leva Freud à reformulação de sua teoria hedonista e à construção de outro modelo do aparelho psíquico, constituído pelas instâncias do isso, do eu, e supereu. Nesse contexto, nasce a descoberta do mais além do princípio de prazer como tendência ao retorno do inanimado e à inscrição da dimensão da morte na vida de duas formas: instinto de morte e pulsão de morte. O primeiro, definido como tendência do mais além do princípio de prazer, visa o estado de repouso, de equilíbrio, correspondendo ao princípio de nirvana ou de aniquilamento. Já a pulsão de morte, como vontade de destruição, se articula com a função do significante. Isso quer dizer que só a partir da linguagem é que se pode equacionar a vontade recomeçar tudo de novo. Mas, retornar ao princípio de tudo, retrocedendo ao nada original, ao inominável, é verdadeiramente impossível. É nesse sentido que Lacan, afirma que a

pulsão de morte, tendo como referente o instinto de morte, aponta para o intransponível e para a sublimação. Justamente por isso, a pulsão de morte é fundamentalmente criadora. Aliás, é o que fazem os poetas o tempo todo, arrancando das palavras novos sentidos e nos deixando diante de alguma coisa da qual, por não poder se nomeada, ficamos extasiados. Como é belo! Se em Freud já temos o princípio de prazer se contrapondo ao mais além do princípio de prazer, Lacan, seguindo os passos de Freud, nomeia como gozo o mais além do princípio de prazer. A dor causa desprazer, mas isso não impede que se extraia gozo. Come-se não só para a manutenção da vida e para eliminar o desprazer provocado no organismo pela fome, mas também por gozo. Mas este, ao contrário do prazer, não tem medida. O desprazer da fome é substituído pelo desprazer do empanzimento, satisfazendo, dessa forma, o gozo da boca. O regime do gozo é o excesso. O princípio de prazer limita o gozo. O alvo das pulsões é o gozo. A partir da dicotomia entre prazer e gozo, podemos afirmar que o amor, na literatura ocidental criou uma espécie de Escola d'Amor Infeliz, em que os amantes, sob o império do gozo, sofrem e morrem de amor e por amor. No Seminário 20, Lacan traz uma última reformulação sobre o gozo em que ele conceitua o gozo como uma instância negativa – “O gozo é aquilo que não serve para nada”- não que isso tenha alguma utilidade, mas temos que usá-lo. Aparentemente, nada parece obrigar o sujeito a gozar, mas o gozo se manifesta, efetivamente, sob a forma de um imperativo, já que todo significativo é, de saída, imperativo, superegóico, temos, então o imperativo do gozo: Goza (Lacan, 1972-1973/1985, p.11). Num primeiro momento, no seu seminário 20, Lacan fala de um gozo ligado a um desejo, há uma possibilidade de satisfação, esse gozo de que se trata é um gozo sexual, fálico, um gozo que é não-todo, de um ser falante cujas necessidades estão sempre implicadas numa outra satisfação inconsciente, a satisfação da fala, que pode ser ou não ser dita.

**Coordenação:** **Roberta Ecleide de Oliveira Gomes Kelly** (Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica, Pós-Doutora em Filosofia da Educação) e **Sergio Lopes Oliveira** (Psicanalista, Correspondente do Collège International de Philosophie-Paris, Mestrando em História da Ciência).

#### Organização:



[www.nucleodepsicanalise.com.br](http://www.nucleodepsicanalise.com.br)